Capítulo 1

Uma menina de 15 anos comandava o tráfico de drogas na favela.

A crueldade dos traficantes não tinha limites e se tornou absurda, descabida, fora de propósito. Os seres humanos não se comportavam mais como seres humanos e sim como animais – e esses animais eram absolutamente irracionais. Os traficantes trucidavam suas vítimas, torturavam e matavam com requintes de perversidade e permaneciam na impunidade. Esses bandidos, totalmente fora do alcance da lei, cortavam as pessoas suas vítimas com facões, foices, serrotes, espedaçavam seres humanos, crianças, mulheres e idosos, não respeitavam ninguém, a golpes de machado, de picareta. Esquartejavam. Decapitavam. Queimavam as pessoas vivas em tonéis cheios de gasolina à qual ateavam fogo.

A menina de 15 anos torturou pessoalmente uma das vítimas inocentes e

indefesas do tráfico – um menino um ano mais velho do que ela, com 16 anos. Um menino magro, de pele morena, e olhar aterrorizado.

O menino foi deitado de costas na areia, nu, com os braços e as pernas abertos em cruz atados a estacas enterradas no chão. Com uma lâmina de barbear, a menina, como um monstro, sem a menor demonstração de piedade ou qualquer outro sentimento, ajoelhou-se na areia ao lado dele e cortou as pálpebras do menino mais velho do que ela um ano. E ele ficou exposto ao sol, sem poder fechar os olhos, por dois dias. O sol quente, uma bola de fogo ao meio-dia, queimou seus olhos e ele ficou cego.

O menino então foi tirado da areia e levado a outro lugar. Nesse outro lugar, um descampado no meio de um matagal, os bandidos pregaram o garoto em uma cruz – ele foi crucificado como Cristo, com cravos nos pés e nas mãos.

Com suas mãos protegidas por luvas de borracha do tipo usado por cirurgiões, a

menina segurou com dois dedos o pênis do garoto nu e pregado numa cruz e introduziu na uretra cerca de dez centímetros de um arame grosso. Ela acendeu um maçarico e aqueceu ao rubro a ponta do arame que ficou do lado de fora.

O corpo do menino pregado na cruz contorcia-se horrivelmente de dor e agonia e ele urrava de dor e agonia. Os cravos dilaceravam os ferimentos em seus pés e suas mãos, e saía muito sangue.

A menina de 15 anos não teve piedade, nada a comovia – ela não tinha sentimentos, como não tinha emoções, fria, insensível e impiedosa. Uma máquina. Só interessava ao tráfico, e aos traficantes, impor a lei de terror deles. E isto era tudo o que contava, a lei de terror imposta pelos traficantes de drogas nos morros e favelas, eles aterrorizavam a toda uma população.

A seguir o menino foi castrado, com a mesma lâmina de barbear que cortou suas pálpebras. A menina de 15 anos primeiro seccionou-lhe o pênis, muito queimado pelo

maçarico, segurou-o com a mão esquerda enluvada e o cortou pela base com a lâmina de barbear, com a outra mão, dando pequenos talhos com a gilete, cortando cada vez mais fundo até cortar todo o pênis do rapaz, o sangue escorrendo, e o desprendeu do resto do corpo e arremessou aquela coisa pequena ensanguentada a uma certa distância, na terra, com displiscência, como quem se desfaz das tripas de uma galinha. A vítima sangrou bastante por aquele lugar. Não satisfeita a menina, com as luvas de borracha ensanguentadas, completou a castração, seccionando o saco escrotal que contém os testículos. Fez o mesmo que com o pênis, jogou fora, como se fossem os miúdos de uma galinha. As dores do rapaz foram excruciantes. E ele sangrou abundantemente – poderia morrer da hemorragia. E, por fim, o rapaz de 16 anos foi empalado – ele foi tirado da cruz e empalado. O empalamento se faz pelo ânus – obriga-se a vítima a sentar-se sobre a ponta de uma lança enterrada no solo e a gravidade faz com que a lança penetre aos

poucos o organismo da vítima. A lança vara os intestinos, atravessa o estômago, atinge os órgãos superiores, podendo perfurar os pulmões ou mesmo o coração. A vítima de empalamento leva de três a quatro dias para morrer e o sofrimento é indescritível. Trata-se de um sofrimento inimaginável – um excesso de crueldade que desafia o entendimento, desafia a razão. Ao cabo da ação da lei da gravidade a ponta da lança costuma apontar no alto da cabeça do empalado.

O menino ainda não havia acabado de morrer, já empalado até cerca da metade da lança, e os traficantes, ainda não de todo satisfeitos com sua obra de insânia e crueldade, e sempre comandados pela menina de 15 anos empilharam lenha e palha em volta dele, jogaram gasolina e atearam fogo.

O rapaz de 16 anos morreu, depois de todo esse sofrimento atroz, prolongado, impossível de descrever, só ele mesmo soube o que passou.

Com o menino de 16 anos morto, os traficantes, sempre sob o comando da menina

de 15 anos, esquartejaram o corpo dele, picaram o corpo em vários pedaços, serraram e deram machadadas. E enterraram o que sobrou dele, os pedaços de carne e ossos esturricados e moídos a machadadas, em uma cova rasa num cemitério clandestino que havia no alto do morro. Havia muitos outros corpos de vítimas dos traficantes nas mesmas condições enterrados nesse cemitério clandestino no alto do morro.

* *

Criminosos de todos os tipos se tornaram tão ousados, acuaram de tal modo a sociedade – os bandidos encostaram a sociedade na parede e ela não pôde mais se defender – que filmavam suas atrocidades. Pareciam querer se exibir. Os bandidos poderiam ser exibicionistas, e o eram, em uma medida ou outra, contudo o ponto fundamental não era esse. Para impor sua lei do terror era

necessário mostrar ao mundo até que ponto ia sua crueldade, pôr a nu sua perversidade, sua sanha, o excesso do seu sadismo, o ódio, o descomedimento da violência, a total falta de respeito pela vida, o desprezo pelos seres humanos – os outros seres humanos que não fossem eles mesmos. Eles não temiam as consequências de seus atos. Eles se sentiam seguros, certos da impunidade, porque a sociedade perdeu a guerra contra o crime. Os bandidos sabiam que eram os vencedores, sabiam que venceram esta guerra e a guerra tinha acabado. A sociedade apenas estertorava, não lutava nem se defendia mais, ela agonizava. Hoje quem mandava no mundo eram os bandidos.

Portanto havia um aspecto prático nessas filmagens que os bandidos faziam de suas atrocidades. Justamente, aterrorizar a população. Uma vez divulgadas as filmagens destas cenas de selvageria e brutalidade, como se os seres humanos fossem animais selvagens ou tivessem voltado aos tempos das cavernas – talvez as vítimas dos bandidos não

fossem seres humanos, seriam habitantes de outro planeta -, a população se acovardava cada vez mais, se aterrorizava, a sociedade se encolhia vencida e impotente em seu canto e os bandidos iam conquistando mais e mais terreno, mais espaço – como imperadores expandindo as fronteiras dos seus impérios.

A menina de 15 anos que chefiava uma quadrilha de traficantes de drogas não se preocupou em ocultar seu rosto. Todo o tempo seu rosto, e não só seu corpo, apareceu nas filmagens, quer torturando com suas próprias mãos o menino de 16 anos quer comandando os traficantes nas partes mais trabalhosas da tortura, o que ela não podia fazer sozinha, como a crucificação, o empalamento e as machadadas e golpes com picaretas e finalmente o enterro do que sobrou.

Difícil imaginar algo mais grotesco do que esses enterros. O que os bandidos enterravam?

Sim, a menina de 15 anos chefe do tráfico fez um filme.

* *

Um homem recebeu uma cópia dessa fita de vídeo. Ele começou a ver a fita. Ele assistiu à fita uma infinidade de vezes, parecia não se cansar de ver o que se passava na fita.

Ela se compunha de duas partes. Na primeira a traficante torturava o menino de 16 anos ou comandava os trabalhos de tortura levados a cabo por seus asseclas. E na segunda parte ela aparecia sozinha, falando a um interlocutor, olhava a lente da câmera de filmar e falava. Não aparecia mais ninguém nessa tomada além dela, o lugar parecia deserto, todos os torturadores foram embora.

O interlocutor da traficante de 15 anos era este homem que recebeu uma cópia da fita. Ela se dirigia a ele pessoalmente. Ela fez uma clara ameaça. Não se tratava de um aviso e sim de uma ameaça, clara e precisa, incisiva,

enfática, definitiva. A menina falava a sério. Pensando na menina de 15 anos o homem que recebeu uma cópia da fita disse de si consigo nunca antes ter visto tanta determinação nos olhos e na expressão do rosto de qualquer outra pessoa mesmo adulta, mulher ou homem, em quaisquer circunstâncias – e muito menos nos olhos de uma menina de 15 anos. Ele não teve dúvida de que a menina cumpriria a ameaça.

O homem viu a fita muitas e muitas vezes. Passava horas vendo a fita. Às vezes via só a primeira parte e em outras ocasiões só a segunda. Detinha-se em uma ou na outra e repetia aquela parte vezes sem conta, incansável, não se cansava de assistir à fita de vídeo. Ele fez tantas vezes isso, assistir separada e repetidamente ora uma ora outra das duas partes da fita, que chegou a pensar em contratar um técnico para dividir a fita em duas e poder colocar separadamente uma parte ou a outra no aparelho de videocassete conforme o que quisesse ver. Se o fizesse, não o moveria a comodidade. Seu móvel seria a

necessidade de compreender o que se passava na fita. Mas ele não contratou nenhum técnico para fazer o serviço. E tudo não passou de um pensamento mais ou menos fortuito que lhe ocorreu.

Ele ficava muito pensativo, muito ensimesmado, sempre que via a fita, tanto uma quanto a outra parte. Ele se concentrava, introspectivo, meditava. Seu ar era sombrio e de extrema perplexidade – parecia que acima de tudo ele precisava compreender. Ou talvez aceitar. As reações deste homem ao que se passava na fita podiam variar. E variavam – até com uma certa constância. Ele ia do espanto ao medo, da tristeza ao desespero, passando pela incompreensão e estarrecimento, ele chegou a sentir agonia, agonia. Este homem se sentiu torturado ele mesmo. E sempre que ele tentou compreender seus sentimentos, e o fez, muitas vezes, ele se empenhou com denodo em saber, analisar a si mesmo, descobriu que só o que ainda havia de compreensível nele, só o que se podia detectar nele era a incapacidade absoluta de,

justamente, compreender, o que quer que fosse. Ele não entendia nada. Ele não sabia nada.

Este homem não soube o que fazer, como não soube o que pensar. E como poderia? Se não sabia o que sentia! Ele não entendia seus próprios sentimentos.

Ele continuou a rodar a fita no aparelho para assistir às cenas.

* *

Eu tinha 15 anos quando meu pai me levou a uma sorveteria...

Caramba! Não é nada disso.

Qual menina de 15 anos não gosta de uma sorveteria?

Com 15 anos eu já era a modelo mais bem paga da Europa e talvez do mundo. O mundo se prostrou a meus pés como se prostrou, décadas antes, aos pés de Brigitte Bardot. Aliás a intenção original era esta,

justamente, fazer de mim uma estrela de cinema famosa no mundo todo como Brigitte Bardot, mas por enquanto eu era só modelo. De um modo ou outro era conhecida no mundo todo, havia fotos minhas em outdoors espalhados por todo o planeta e comerciais que eu fazia para a televisão. Eu era tão bem paga que podia parar de trabalhar e viver com todo conforto, com luxo, tendo de tudo, todas as regalias, sem que me faltasse nada, pelo resto da vida só com o que ganhei até os meus quinze anos.

Eu fui na sorveteria com o dono da agência de publicidade para a qual trabalhava na época.

Eu me lembro. Nós entramos numa dessas sorveterias com bancos de encosto alto, bancos que davam as costas um para o outro e o encosto de cada banco se unia ao do outro, ou havia um só encosto, modelado de modo a servir a dois bancos. Os bancos tinham espaço para duas pessoas – na realidade os bancos se destinavam a casais, no geral gente jovem, que é quem frequenta

sorveterias, casais de namorados. Nessas sorveterias diante do banco há uma mesa. E do outro lado da mesa outro banco nas mesmas condições do primeiro e esses compartimentos se multiplicavam pela sorveteria. O encosto dos bancos era alto para que os casais tivessem privacidade – como camarotes em um teatro ou navio ou trem de luxo. E havia um banco de cada lado da mesa porque os jovens quase sempre andam em grupos, mesmo casais de namorados, desde que sejam jovens eles se juntam [e nesse caso a privacidade se destina a duplas de casais de namorados] – os jovens são gregários, a juventude não se sente muito bem em solidão, a moçada gosta de agitação, burburinho, movimento, colorido. Apreciam um pouco de privacidade, para o namoro, mas não resistem ao isolamento em relação ao rebanho, não suportam por muito tempo ficar longe da manada. Jovens são jovens. São jovens.

Portanto eu fui com o dono da agência, ele me levou, me chamou e eu fui.

- Vamos entrar naquela sorveteria – ele me disse, quando passávamos na rua, na calçada em frente à sorveteria.

Isso foi na parte da tarde, uma tarde, e havia pouco movimento na sorveteria. Nós ocupamos um daqueles compartimentos destinados a dois casais ou apenas um. Como não éramos um casal, cada um sentou num banco. E ficamos de frente um para o outro, com a mesa no meio, olhando para a cara um do outro.

Eu já tinha me acostumado com o fascínio que causava nos homens. Eles olhavam para mim e, literalmente, sem exagero nenhum da minha parte, babavam. O dono da agência não era exceção e ele ficou olhando para mim desse jeito, como que em êxtase – o que eu disse, babando.

- Meu Deus, como você é bonita – acho que ele disse qualquer coisa mais ou menos assim, esse dia.

- E meu sorvete? Não vai pedir meu sorvete? – eu disse. - Disse que ia me dar um

sorvete. Não disse? Qual a finalidade de entrar numa sorveteria?

- Tomar sorvete – ele disse.

Uma garçonete se aproximou e meu empregador pediu um sorvete para mim. Não pediu nada para ele, o sorvete chegou e eu comecei a tomar meu sorvete.

Eu entendi que meu empregador me levou à sorveteria para sentarmos num lugar sossegado e falar de negócios. Ao menos ele deu a entender isso.

- Tenho uma proposta – disse.

E fiquei à espera de que ele começasse a falar de negócios. Aproveitei para ir tomando meu sorvete.

Ele não falava nada, só ficava me olhando daquela maneira que eu não gostava, não me acostumava, me acostumava mas não gostava, eu reprovava esse costume dos homens, achava eles ridículos, com o que faziam, se comportar desse jeito, e comecei a me impacientar. Já ia perguntar a meu empregador se não ia dar partida no falatório

acerca de negócios quando tudo começou a acontecer.

Vou contar o que aconteceu.

Prestem bem atenção.

Um rapaz se aproximou da nossa mesa. Eu conhecia esse rapaz de vista, nunca tinha conversado com ele, ninguém nos apresentou um ao outro. Ele tinha uns vinte anos. Ele tinha a mesma profissão que eu, era modelo. E trabalhava na mesma agência. Eu não presto muita atenção nos homens mas mesmo sem querer observo a maneira como me olham – torno a repetir, o problema deles é o êxtase, eles se comportam da mesma forma como certas mulheres muito religiosas se prostram em adoração diante da imagem de Jesus Cristo. Devo ser uma espécie de deusa para eles – foi uma dedução minha. Esse rapaz que se aproximou era como os outros, me olhava muito, sempre que podia, sempre que me via em algum lugar, em geral na agência – ou quase só na agência. Nesse dia, na sorveteria. E do mesmo modo que os outros – todos os outros.

Eu imaginei que ele tivesse se aproximado para falar com o dono da agência. Ia passando, entrou por acaso na sorveteria e viu seu empregador e por certo tinha alguma coisa a dizer ao patrão.

De fato eles se cumprimentaram. O tal rapaz não se sentou, ficou parado, em pé ao lado da mesa, apoiou as mãos na mesa e inclinou-se para diante. Ele evitou olhar para mim nos primeiros momentos e então se decidiu e olhou. Virou a cabeça para o lado, eu me encontrava à esquerda dele, e ficou olhando, ficou me olhando, de cima para baixo. Ele me olhava de cima para baixo.

Eu não queria olhar para ele. E não olhei, só percebi com o canto dos olhos que ele torceu a cabeça para me olhar. Então, daí a pouco, ele falou comigo.

Vejam só o que ele me disse. Peço que prestem atenção. Ele debruçado ligeiramente sobre a mesa.

- Escuta... eu estou a fim de sair contigo.

Era comigo. Com quem mais podia ser? Eu podia olhar em volta e procurar outra, mas sabia que não tinha.

Então eu olhei para ele. Fiquei surpresa com o que ouvi. Para não dizer atônita.

Aí ele disse:

- Anda, levanta. Vamos sair daqui. Deixa esse velho pateta aí. Até mais, velho pateta.

O velho pateta era o dono da agência e o tal rapaz disse isso em tom de brincadeira, não para ofender. Eles tinham intimidade um com o outro, e os homens têm dessas brincadeiras idiotas entre si.

Eu parei de olhar o rapaz e olhei o dono da agência do outro lado da mesa.

- Você armou isso, é? – perguntei, no auge da minha surpresa, e também começando a me sentir indignada.

O dono da agência desentendeu-se.

- Não tenho nada com isso, não armei nada, não me culpe – disse. E de repente, como se não entendesse nada, não soubesse do que eu falava: - Do que você está falando?

- Qual o problema? – perguntou o rapaz.

E o dono da agência:

- Ele só está conversando com você.

Os dois falaram comigo. Os dois "só conversavam comigo".

Eu olhei de novo o rapaz.

- Não quer sair comigo? Toda garota sai – ele disse. – Não tem nenhuma garota que não queira sair comigo, não existe, todas são doidinhas para sair comigo. Eu tenho qualquer garota que eu queira, quem eu quiser, elas não resistem a mim, não estou me gabando, é só a realidade, são os fatos da vida... e você não é diferente de ninguém, não é melhor que as outras... Vai, levanta daí, vamos sair. Vou te levar a um lugar que você vai gostar.

Vejam só se tem cabimento. É o cúmulo. Eu achei o cúmulo.

Eu fiquei tão desconcertada que de momento não soube o que dizer, não soube mesmo, procurei e não encontrei, uma palavra. O aturdimento trava a nossa língua.

Se fossem só as palavras! Mas o tal rapaz fez menção de segurar meu braço, ele moveu

o braço e vi que ia pôr a mão no meu ombro ou no braço e então, sim, eu soube o que dizer. Ele me pôr a mão no meu entender era levar o abuso às últimas consequências. E isso eu não aceito. Por que vou aceitar? Por quê? E na falta de uma descrição melhor da minha reação vamos dizer que me encrespei como uma galinha choca ante uma ameaça aos pintinhos dela – ou como os gatos se arrepiam, eles eriçam o pelo, à aproximação de cães.

- Não põe a mão em mim – eu disse, olhando para ele. – Não me encosta um dedo.

Eu duvido, duvido que o tal sujeitinho tenha visto antes tanta frieza e menosprezo na voz e no olhar de uma garota ou qualquer mulher de mais idade do que eu, só uma garota de 15 anos. Eu sabia fazer isso, sabia mesmo, olhar e falar com frieza e desdém, com menoscabo, todo o desprezo, para que as pessoas se sintam um lixo, certa pessoas.

O rapaz se aborreceu.

- Mas que diabo, ô droga, quem você pode estar pensando que é...

Eu ainda avisei a ele:

- Meu pai é violento.

- Você nem pai tem – ele disse, tentando demonstrar um menosprezo equivalente ao meu.

Todo o desdém, o suposto desdém dele não chegava aos meus pés, à sola dos meus sapatos. Ele era só arrogante, presunçoso – um babaca qualquer, não gosto de falar palavrão mas com esses caras tem que ser assim, um panaca, um retardado. Quer melhor? Para pôr ele no lugar dele? Um bundão, um bunda-mole. Um cuzão. É o que ele era.

E segurou meu braço. O desgraçado segurou meu braço. É bem possível que tenha pensado que eu ia me levantar e obedecer a ele, caras como ele pensam muitas bobagens. É inacreditável até que ponto esses caras são boçais, a quantidade de besteiras que eles têm na cabeça e o tamanho das besteiras, o teor das besteiras. É o mesmo que dizer, o conteúdo da cabeça desses sujeitos. O estofo deles, a moral, a personalidade.

Nesse momento o assaltante já tinha entrado na sorveteria.

Um homem de estatura mediana, ele era um sujeito mal vestido, barbado, roto e sujo, tinha má aparência e os funcionários da sorveteria repararam nele. Eu sempre observo ou procuro observar tudo e vi que dois ou três funcionários homens ficaram de sobreaviso. As funcionárias mulheres só olharam – acho que ficaram receosas. Mas nenhum fez nada, mulher ou homem, todos preferiram aguardar. Imagino que aquela gente pode ter pensado que o tal cara que entrou ia só pedir uma esmola, não ia causar maiores embaraços e logo se retiraria e, em outro caso, se eles se metessem, se tentassem expulsar o cidadão, talvez houvesse um pouco de confusão, sempre podia haver, e isto na maior parte dos casos era conveniente evitar, se tratava de um local público e havia fregueses, ainda que poucos.

O tal sujeito se dirigiu a nossa mesa, mas não o fez como se tivesse a intenção de chegar à nossa mesa e sim olhava para a

parede atrás de mim, lá no fundo da sorveteria, a três ou quatro pares de bancos de distância, como se pretendesse ir para aqueles lados.

O que aconteceu foi que ele parou de repente atrás do rapaz que ainda segurava meu braço. Nem o rapaz nem o dono da agência repararam nele. E um porrete apareceu na mão dele como num passe de mágica, rápido, ele tirou o porrete de sob o paletó, marrom, esmolambado. O porrete parecia um bastão de beisebol, mais curto, mais pesado e mais grosso na parte mais grossa, a que bate na bola, do que um bastão de beisebol comum. Esse bastão de beisebol fora do comum, mais curto e pesado que os outros e que não era bastão de beisebol nenhum e sim porrete mesmo, não bateu em nenhuma bola de beisebol ou qualquer outra e sim na cabeça do tal rapaz que me apertava o braço, o porrete acertou a nuca dele. E a violência do golpe foi tanta que o rapaz caiu na mesma hora. O homem foi muito ligeiro. Ninguém podia esperar. Num átimo ele já

tinha empunhado o porrete, desferido a porretada e o rapaz caiu prostrado aos pés da nossa mesa.

O assaltante se agachou e roubou alguns objetos do rapaz, relógio, carteira, enfiou o dedo mindinho num brinco de argola na orelha do rapaz e puxou. Rasgou a orelha do rapaz e levou o brinco de ouro. Se levantou, virou as costas e voltou pelo mesmo caminho. Se os garçons não fizeram nada antes agora muito menos. Ele saiu, porrete na mão, ameaçador, bravo, violento. Vi que tornava a esconder o porrete sob o paletó assim que saiu na calçada. E sumiu, evaporou-se na multidão.

Poucos casais de namorados se achavam presentes na sorveteria, nesse dia, naquele momento, e acredito que a maior parte deles nem deu pelos acontecimentos, eles não viram o que se passava. Entretidos com o namoro. Quer pegar um cara desprevenido pega ele com a namorada. Quantos já não foram assassinados na cama? Em alguns casos pela própria mulher que foi para a cama com eles.

Assustado, o dono da agência se levantou precipitadamente do banco dele e tentou socorrer o rapaz que foi assaltado e levou uma porretada na cabeça, se agachou ao lado do rapaz caído. O sangue escorria da paulada na cabeça, logo ensopou o chão.

- Chamem uma ambulância! – gritou, antes de saber o que acontecia.

O dono da agência de publicidade era por certo um homem que viu muitos defuntos antes. E em poucos instantes já tinha o laudo, o veredito dele, a conclusão.

Ele olhou para mim, ainda agachado junto ao rapaz caído.

- Ele está morto – disse.

E pareceu desconcertado. Como se já tivesse visto defuntos, certo, mas nunca viu um assaltante matar um dos seus modelos, quer com paulada na cabeça quer por outros meios. Eu cheguei a pensar que ele achou estranho que uma paulada na cabeça matasse. Mas, também, que paulada!

Ele e eu tivemos que prestar depoimento em uma delegacia. Contamos o que vimos e fomos liberados.

- O assaltante entrou, deu a porretada, assaltou e foi embora.

E foi o que aconteceu.

* *

Capítulo 2

Meus quinze anos! Ah, meus quinze anos! Não foi a idade mais difícil da minha vida – foi a mais complicada, prefiro dizer assim, foi complexa. Nunca vi nada mais complexo e complicado do que meus quinze anos. Difícil de entender.

Meu pai me perseguia, meu pai tinha a mania de me perseguir. Ele dizia que era para me proteger, ele apenas tentava evitar, dizia, que eu me metesse em encrencas. Eu respondia a ele:

- Eu não me meto em encrencas, papai.

Mas não adiantava. Ele se preocupava muito comigo.

Eu realmente não me metia em encrencas e o que aconteceu na sorveteria aquele dia foi um fato anômalo.

Esse fato anômalo me mostou que meu pai estava certo. Se ele não estivesse por perto talvez eu me metesse em encrencas, aquele idiota podia até ter me matado. Porque eu não ia me submeter a ele!

Meu pai era doido, numa palavra, completamente doido, rematadamente doido, nunca conheci ninguém tão doido quanto ele e duvido que alguém mais doido do que meu pai tenha vivido na Terra. E era meu pai. O maior doido do mundo era meu pai. É justo? Meu pai tinha que ser o maior doido do mundo.

Meu pai era muito desajustado. Ele era muito em desacordo com o mundo e tudo, a vida e as pessoas. Em total desacordo, não havia concordância nenhuma entre meu pai e

o mundo, entre meu pai e nada. Havia discordância entre meu pai e tudo.

Eu ia para a agência e ele não entrava – não deixariam ele entrar, se quisesse, mas ele também não queria, imagina se meu pai ia querer entrar numa agência de publicidade, o fato é que a agência não era uma sorveteria e não o deixariam entrar se ficasse bom da cabeça – ou mais louco do que já era. Louco a ponto de entrar numa agência de publicidade! Ele ficava na calçada em frente e eu chegava numa janela de vez em quando e abanava a mão para meu pai, mandava um beijo para ele, empinava o polegar para mostrar que não havia nenhum problema.

Meu pai era um vagabundo. Ele vivia às minhas custas. Não tinha o que fazer e ficava na calçada em frente esperando eu sair. Ele vivia em um mundo e a humanidade, em outro. Ele chegava a sentar na calçada e encostava no muro ou na parede de uma loja, como nos tempos em que realmente era vagabundo – ele era uma espécie de mendigo, só que não pedia esmola, um mendigo que

não pedia esmola, mas mesmo assim as pessoas davam esmolas a ele. E ele não recusava. E ainda dizia aquelas piadas bobas, "De graça até injeção na testa, até ônibus errado". E era assim que ele vivia – ou sobrevivia. Ele ia para a rodoviária, uma estação do metrô ou de trem e catava biscoitos que as crianças deixavam cair no chão e assim se alimentava e não morria de fome. Depois que eu comecei a ganhar dinheiro ele passou a viver às minhas custas e não precisava mais ir a locais públicos catar migalhas de pão ou restos de bolachas caídos no chão ao redor dos bancos onde as pessoas se sentavam para não morrer de fome.

Ele era um desocupado, não precisava mais fazer nada para garantir a própria sobrevivência e vivia me seguindo aonde eu ia. E de vez em quando quem se metia em encrencas era ele – quando dizia que me seguia para evitar que eu me metesse em encrencas! Ele sentava na calçada em qualquer lugar, como nos tempos em que era de fato um vagabundo, e às vezes os donos

das lojas implicavam com ele, podiam chamar a polícia para expulsar o vagabundo que espantava os fregueses, a polícia podia tentar prender meu pai e, muito pelo contrário, eu é que tirava meu pai das encrencas.

O indivíduo que achou que podia fazer comigo o que quisesse deve ter me visto com meu pai na frente da agência e por isso disse que eu não tinha pai. Eu descia, atravessava a rua, me encontrava com meu pai e íamos juntos para casa. Ou nos despedíamos na calçada quando ele me levava à agência.

Meu pai era o melhor homem do mundo.

Outra hora vou tentar explicar por que ele vivia e se comportava como um mendigo ou um vagabundo.

Ele me disse que se houvesse alguma encrenca eu me afastasse do local tão logo pudesse. Nunca houve. Até esse dia na sorveteria. E que se ele tivesse que tomar atitudes é claro que só se afastaria do local se me visse bem mas que eu também me afastasse do local tão logo pudesse porque ele

próprio teria que escapar. A menos que pudéssemos fugir juntos.

Foi o que aconteceu aquele dia na sorveteria. Mas ele não se afastou muito, ficou por perto, mesmo correndo o risco de ser reconhecido e denunciado e preso.

Ao menos ficou dentro de um táxi, mais seguro, menos exposto. Andava igual a um mendigo mas sempre tinha dinheiro no bolso, que eu dava. Podia ter dificuldade em parar um táxi, porque táxis não param para mendigos, mas meu pai já fazia sinal para os táxis, quando queria tomar um, o que raramente fazia, só em emergências como esta, com dinheiro na mão, sacudia uma nota na frente deles. E eles paravam.

A polícia chegou, fomos eu e o dono da agência para a delegacia, chegamos lá já encontramos o advogado do dono da agência. Prestamos depoimento e fomos liberados na mesma hora.

Eu me despedi do dono da agência e do advogado dele na calçada em frente à delegacia. Eles entraram no carro do

advogado e foram embora. Eu saí andando pela calçada. Meu pai seguiu o carro da polícia no táxi e o táxi diminuiu a marcha a poucos metros da delegacia, parou junto da calçada perto de mim e meu pai me chamou.

Eu entrei no táxi e meu pai e eu fomos ter a uma praça que nós conhecíamos. Começava a escurecer. Nós íamos sentar em um banco para conversar – meu pai ia ter que mudar de aparência ou de cidade ou a polícia iria achar ele. Ou ao menos passar uns dias sem sair de casa, mas ele não gostava de ficar trancado. Eu queria ter uma conversa séria com ele.

Perto do banco onde íamos sentar havia um bambual. E no bambual meu pai e eu vimos quase ao mesmo tempo um homem caído.

Com a noite caindo não se via direito, mas meu pai tinha vista boa.

- Tem um cara caído ali – ele disse.

E eu também vi.

- Coitado – eu disse.

E nós dois fomos lá ver o que havia com o sujeito caído no meio dos bambus.

Aquele homem tinha uma arma na mão e nós pensamos que estivesse morto, que tivesse dado um tiro na cabeça e se suicidado, mas não foi isso que aconteceu. Nós vimos também uma garrafa de uísque vazia caída no chão ao lado dele. Aquele homem poderia estar apenas bêbado, no entanto o problema tampouco era esse. Logo nós seríamos informados pelos médicos que ele se achava em coma alcoólico, era grave.

E isto ainda não era nada. Meu pai e eu conhecíamos aquele homem.

Eu fico sem saber o que dizer. Ele era o melhor homem do mundo depois do meu pai.

* *

Foi um choque para meu pai e para mim – um dos acontecimentos que mais me abalaram, em minha vida. Meu pai se recuperou do choque com mais presteza do

que eu, se abaixou ao lado do homem caído no bambual, viu que ainda vivia e me disse:

- Chama um táxi!

Eu saí correndo e chamei um táxi. O táxi parou e eu logo dei dinheiro ao motorista para que não pensasse em escapar para não levar feridos, bêbados ou mortos ao hospital.

Em instantes meu pai chegou arrastando nosso amigo pelo chão da praça, puxava-o pelas axilas ou pelos pulsos, pois não tinha forças para o carregar nas costas. Nós colocamos nosso amigo no banco de trás do táxi, nós o ajeitamos no banco do táxi como pudemos, pois ele não tinha consciência, meu pai ficou segurando ele, eu sentei na frente e mandei tocar para o pronto-socorro.

- Nós vamos para o pronto-socorro – eu disse. – O mais rápido que você puder. Ou esse homem vai morrer. Pé na tábua.

Meu pai enfiou a pistola daquele homem no cós da calça junto com o porrete, por baixo do paletó.

Meu pai tinha um telefone celular, apertou uma tecla e discou um número, meu

pai conversou por telefone com um advogado a quem conhecia. Era um amigo do meu pai. Meu pai tinha amigos importantes, apesar de ser um pobre-diabo. Contou o que se passava. O advogado deve ter perguntado qual hospital, porque ouvi meu pai dizer ao telefone o nome do hospital ao qual nos dirigíamos. O advogado por sua vez telefonou a um outro amigo nosso, um homem importante do governo, trabalhava para o governo.

No hospital, o homem que nós levamos foi atendido na UTI. Logo chegaram o advogado e o outro homem, que trabalhava para o governo. E os médicos nos disseram que nosso amigo se encontrava em estado de coma, ele teve um coma etílico, a situação dele era grave.

Eu viajava a outros países, para cumprir contratos, meu pai tomava banho, fazia a barba, vestia roupa limpa e me acompanhava nessas viagens. E nós perdemos um pouco de contato com aquele homem a quem meu pai e eu devíamos tanto. Ou por outra, meu pai